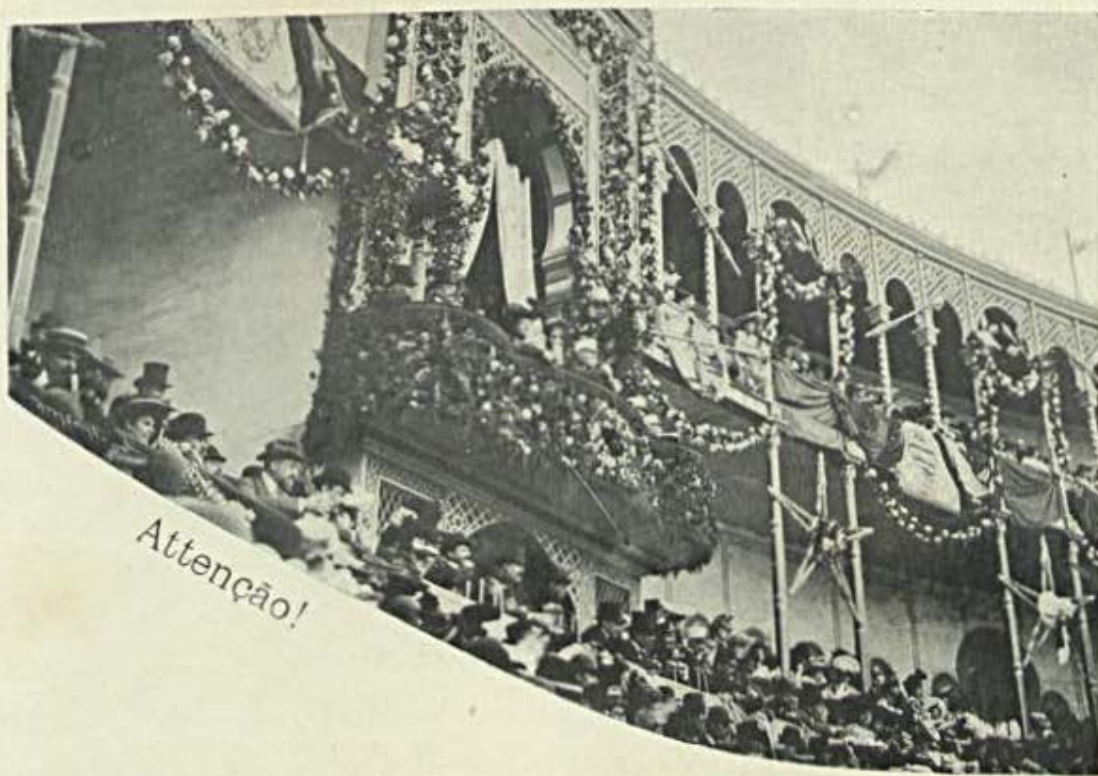


# BRASIL-PORTUGAL

1 DE JULHO DE 1905

N.º 155

## Tourada de beneficencia no Campo Pequeno



Atenção!

Camarote Real



# CHRONICA

**V**olta a falar-se em navegação portugueza para o Brasil. A iniciativa do gabinete ultimo presidido pelo illustre estadista o sr. conselheiro Hintze Ribeiro, n'este sentido abortou. Succederá o mesmo á boa disposição em que se diz estar o presente ministerio? E' possível, mas mais cedo ou mais tarde o problema, que se impõe hoje já a todos, ha-de realisar-se custe o que custar.

A navegação para o Brasil é indispensavel ao natural estreitamento das relações entre os dois paizes que mais do que nenhuns outros tem obrigação restricta de se auxiliarem, de desenvolverem mutuamente o seu commercio, de procurarem nos seus mercados uma maior expansão para a exportação propria. Sabemos que n'este ponto se empregaram durante a gerencia, por tantos titulos brilhantes, do sr. conselheiro Wenceslau de Lima, na pasta dos estrangeiros, todos os esforços, e se estes não surtiram effeito queremos crer foi isso devido apenas á falta de tempo, porque tanto da parte da chancellaria portugueza como da chancellaria brasileira que tinha e tem ainda á sua frente um diplomata de largas vistas que deixa assignalada a sua passagem pelo poder, bem beneficentemente para o Brasil, havia a maior boa vontade em chegar a um accordo em proveito tanto dos interesses dos productos brasileiros como dos portuguezes. Nós não podemos, é claro, offerecer ao Brasil um grande mercado para o seu café, porque temos colonias que precisamos proteger, mas poderemos muito bem fazer-lhe concessões a outros productos em troca de um mercado certo mas sincero para os nossos vinhos, quando elles sejam authenticos e authenticados. Uma carreira de navegação entre os nossos e os portos brasileiros assegura tanto ao commercio nacional como ao proprio Brasil facilidades que outras companhias estrangeiras de navegação não lhes tem dado e antes lhes tem tirado.

O problema da navegação mercante merece bem a attenção dos governantes, e o apreço em que elle está sendo tido em todas as nações maritimas, não é de molde a socegar-nos. Precisamos de pensar muito n'isto, precisamos, governo e governados, associações e particulares, todos enfim congraçar os esforços n'esse sentido, e fazermos alguma coisa de util e de proveitoso.

A questão vinicola sobre todas e sobretudo n'este momento em que se divisa já no horizonte uma horrivel crise de abundancia, deve ser tratada por todos com bom senso e a sangue frio. Tanto mais complexa que ella se apresente, mais friamente deve ser encarada e estudada. Os governos poderão fazer alguma coisa, mas toda a sua iniciativa se esterilizará como até aqui, de encontro a más vontades e a rivalidades. Os interesses são no fundo eguaes mas na pratica surgem tão antagonicos entre vinicultores e commerciantes, que, á primeira vista podem parecer de impossivel ac-

cordo. E no entanto, não é difficil comprehender que do trabalho da cada um pode resultar o bem commum. Varios alvitres tem apparecido e alguns merecem ser estudados, como por exemplo a efficacia de uma marca official ou a fiscalisação rigorosa attestando a origem e o fabrico do producto, mas, pena é dizel o, melhor que tudo isso teria sido de ha muito uma correcção de proceder por parte dos exportadores que tivesse garantido, pela seriedade das transacções, e egualdade de typos de vinho, uma procura condigna ao valor que os nossos productos podem ter. Se houver meio de conseguir isto indirectamente, mediante a marca ou a analyse officiaes ou qualquer outro meio, bem vindos sejam todos esses alvitres.

Chega a quadra estival e com ella o debandar das capitaes em busca de campos, de thermas e de praias. A sociedade portugueza está tendo pelas viagens um culto especial que muito honra a cultura do seu espirito. Já se não contenta em ir para Cintra, para a frescura do fresco arvoredado que Garrett e Byron cantaram; as aguas nacionaes que do norte ao sul do paiz abundam com efficacia garantida em analyses medicas, não lhe satisfazem por completo e as onças do oceano, nas costas de Portugal, já a não divertem; a sociedade portugueza expande-se, internacionalisa-se, troca Vidago por Centrexe ville, e Caldellas por Cauterets, não positivamente porque sejam melhores as aguas mas porque o meio é mais alegre, mais divertido, e mais movimentado. Vae lá fóra á procura de uma cousa que, não encontra cá dentro, o imprevisito de pay-sagem, de commodidades, de gente. O vapor transformou o viver dos povos, uniu os mais facilmente pelas linhas ferreas do que pela acção dos diplomatas, e hoje que se atravessa a Europa em uma semana, hoje que o vapor corta planicies, derruba montanhas, galga rios e mares, hoje que cada um d'esses povos tem no seu seio, para commodidade propria, a electricidade que encurta as distancias, e os grandes transatlanticos que os conduzem aos confins da Asia ou da America, hoje que se faz n'uma hora o que d'antes se não podia fazer n'um dia, não admira que a vida seja mais curta, e que da terra desapareçam com a mesma velocidade os comboios e os espiritos.

A morte parece andar tambem já nos comboios rapidos, tão assustadora se apresenta a sua obra de destruição. Não admira. Vive-se como se anda. Esgota-se a existencia como se galga a distancia, com a mesma velocidade e a mesma rapidez. Caem no tumulto com a mesma facilidade a gentileza phisica e a gentileza intellectual, velhos e novos, ricos e pobres, doentes e sadios, com a mesma facilidade com que a força do vendaval derruba a fina roseira e o secular tronco, arbustos e arvores, barquinhos e couraçados, o infinitamente pequeno e o grande colosso! A morte é cega, no sopro triste da sua funebre aragem e dá sempre ao chronista — quando este se queira aproveitar — assumpto para columnas e paginas sentidas dedicadas á memoria dos que passam, dos que se foram, dos que nunca mais podem voltar d'essa viagem que é ainda um ponto de interrogação.

Esta quinzena, como as outras que passaram, e naturalmente



Visconde de Chancellieiros

† na Cortegana a 13-6-905



Conde de S. Mamede

† em Sacavem a 14-6-905





Escola do Exercito. — *Trabalhos de sapadores*

as que vierem depois, assignalou se pela morte de muitos que pelo brilho do seu nome ou do seu trabalho, do seu cerebro ou do seu coração, merecem aqui registo especial. Foi primeiro o visconde de Chancelleiros! Ah! tem uma individualidade inconfundivel da politica portugueza! Duas vezes foi ministro das obras publicas — elle



Escola do Exercito.  
*Construção de uma cosinha por alumnos*

que foi toda sua vida um agricultor, verdadeiramente apaixonado das cousas agricolas. Mas não foi como administrador nem como estadista que a sua acção mais se salientou. No parlamento sim, como orador, como tribuno, é que o visconde de Chancelleiros se impoz. Parece ainda que o estamos vendo e ouvindo. Baixo, largo de hombros, attarracado, boa cõr, cõr sadia de quem vive em pleno



Escola do Exercito.  
*O sr. capitão Ferrugento. Trabalhos topographicos*



Escola do Exercito. — *Construção de cosinhas de campanha*

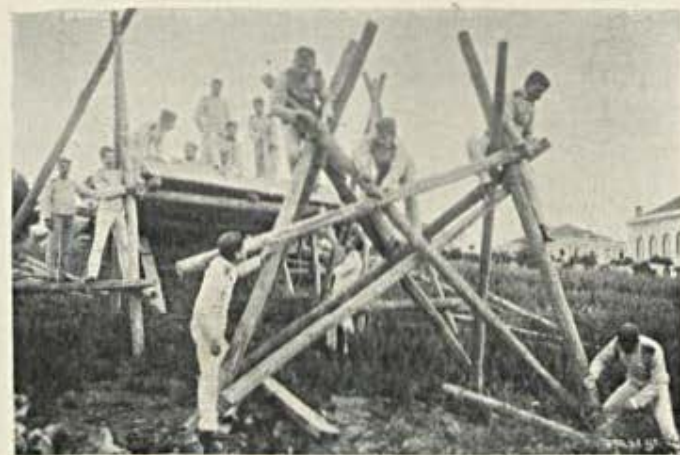
campo, a larga cabelleira ha muito embranquecida emoldurando-lhe bem a phisionomia feia mas insinuante.

Quando elle sacudia a cabeça, nas suas indignações tribunicias, parecia um leão sacudindo a juba em frente de uma preza. E sentia se pavor pelo governo que elle apontava á furia popular. Não era um orador elegante, nem um orador eloquente, estava longe, muito longe mesmo de ser um orador correcto ou um orador terrivel, não tinha nem o brilho de um litterato nem a argucia de um argumentador, mas era n'um dado momento, tudo isso junto. A



Escola do Exercito. — *Construção de cosinhas de campanha*

sua eloquencia assemelhava-se a um vendaval. Não se sabia quando apparecia nem quando acabava. Pairava sempre imminente sobre a obra dos ministros, mas ás vezes passava frouxamente, outras vezes com furia. Era o parlamentar mais tipico d'estes ultimos trinta annos. Começava quasi sempre os seus discursos, do logar que escolhera na Camara dos Pares, ao alto da extrema esquerda. Vinha depois pouco a pouco descendo as bancadas e quando chegava cá baixo, quasi ao pé das cadeiras ministeriaes, era então que lhe irrompia a eloquencia. Mas logo serenava. Da rajada de



Escola do Exercito. — *Construção de uma ponte*  
Clichés de J. A. Lima



tribuno passava logo para o dito de commentador ou para a historia do cavaquador, e lá ia elle subindo outra vez até ao seu primitivo logar. Mas aí dos ministros, se elle parava no caminho, e se voltava de novo abaixo!

A sua indignação politica avaliava-se pelas vezes que subia e descia o amphitheatro. Se se conservava no mesmo logar, o discurso era brando e muitas vezes frouxo, mas sempre imprevisito na apreciação ou na phrase. Tinha um pittoresco que prendia e deleitava, e não podia estar na Camara sem pedir a palavra. Muitas vezes não sabia bem para qué nem porqué, e esse prurido de falar, diminuiu-lhe muito o valor dos seus discursos. Ainda nos ápartes se distinguia, fazendo rir com um certo humorismo de observação digno de nota. Em uma sessão, um par do reino explicava aos collegas o que era um arrosal, assim: um pouco de arroz dentro de uma pouca de agua. O visconde de Chancelleros que o escutava attentamente, interrompeu-o logo com graça:

— Isso é uma canja!

O outro retrato que figura n'este numero é o do conde de S. Mamede, fallecido repentinamente uma d'estas manhãs em casa de sua filha casada, em Sacavem, um suburbio de Lisboa. Tinha ido passar uns dias com a netinha que elle adorava, e a morte caprichou em o fulminar em plena alegria de avô, da qual Victor Hugo quiz fazer uma arte. Antigo diplomata, antigo secretario de El-Rei D. Carlos, homem culto pela leitura e pelas visgens, o conde de S. Mamede era tão conhecido no nosso paiz como no Brasil onde nascera e onde tinha ainda familia pelo casamento de sua filha mais velha com o illustre diplomata e homem politico o Dr. Assis Brasil.

Era um novo ainda como o era o par do reino Polycarpo Pequet Ferreira dos Anjos, negociante, chefe da casa commercial Anjos & C.ª Mas que importa? A morte não requer certidões de idade. A propria mocidade ella esmaga, sem a mais pequena cerimonia. A sociedade portugueza perdeu ainda ha pouco tambem uma das mais galantes figuras de senhora que a teem illuminado pela graça do porte e pela bondade do coração — a sr.ª D. Rachel Potier, esposa amantissima do sr. Pedro de Carvalho Monteiro, e nóra do illustre erudito e capitalista, o Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, successor unico do conhecido millionario Mendes Monteiro que tantos annos viveu no Brasil.

Tanto essa senhora como o sr. Polycarpo Anjos eram duas das mais asympticas individualidades do mundo elegante, onde tanto se distinguiam, ella pela sua gentileza inconfundivel e elle pela sua inexcusable amabilidade.

Quatro mortes que encheram de lucto a politica e a sociedade

## Escola do Exercito

Terminado no dia 10 de maio o primeiro periodo de instrucção e encerradas as aulas theoricas na Escola do Exercito, depois das provas de equitação, gymnastica e esgrima, a que assistiu S. M. El-rei, começou o segundo periodo escolar para os alumnos das differentes armas, executando praticamente no campo os principios theoricos adquiridos nas aulas durante o anno.

Acabaram emfim os terriveis sustos de se ser chamado á lição, de se ter más notas que puderiam fazer perder o anno, sem contar com o tragico quarto de hora passado á pedra sob o olhar severo de um lente n'aquella atmosphera silenciosa dos condiscipulos, lastimando a sorte do pobre desgraçado.

Mas com o dia 10 de maio, redemptor para os cabulas que ainda assim conseguiram arranjar media para ir a exame, esses instantes tão criticos da vida de estudante passam á historia, deixando em todos uma como que saudade dos dias em que se escapou sem ser chamado. Agora pode-se dormir descançado sem o terror de uma lição mal sabida a envenenar o somno.

E que alegria quando de manhã ás 6 horas, depois do café com bolachas tomado á pressa no refeitório, os alumnos se dirigem para a cerca da escola armados de picaretas e de pás para os trabalhos de fortificação passageira! Um descanço para o espirito, e uma estopada n'esse descanço que parte os braços e extenua o corpo.

Cavar, cavar... e o terreno então que ás vezes é tão duro! nem de proposito. Mas quando vem a lembrança das aulas que acabaram, as enxadadas são mais rijas e a terra parece mais leve.

Em poucos dias a cerca parece outra, tão revolvida está por todos os cantos. E' porque se trabalha com gosto. A arte ás vezes é pouca e quando algum soldado sapador do destacamento passa junto dos cavadores não deixa de sorrir da pericia negativa dos *senhores aspirantes* de mãos esfoladas pelo cabo da enxada.

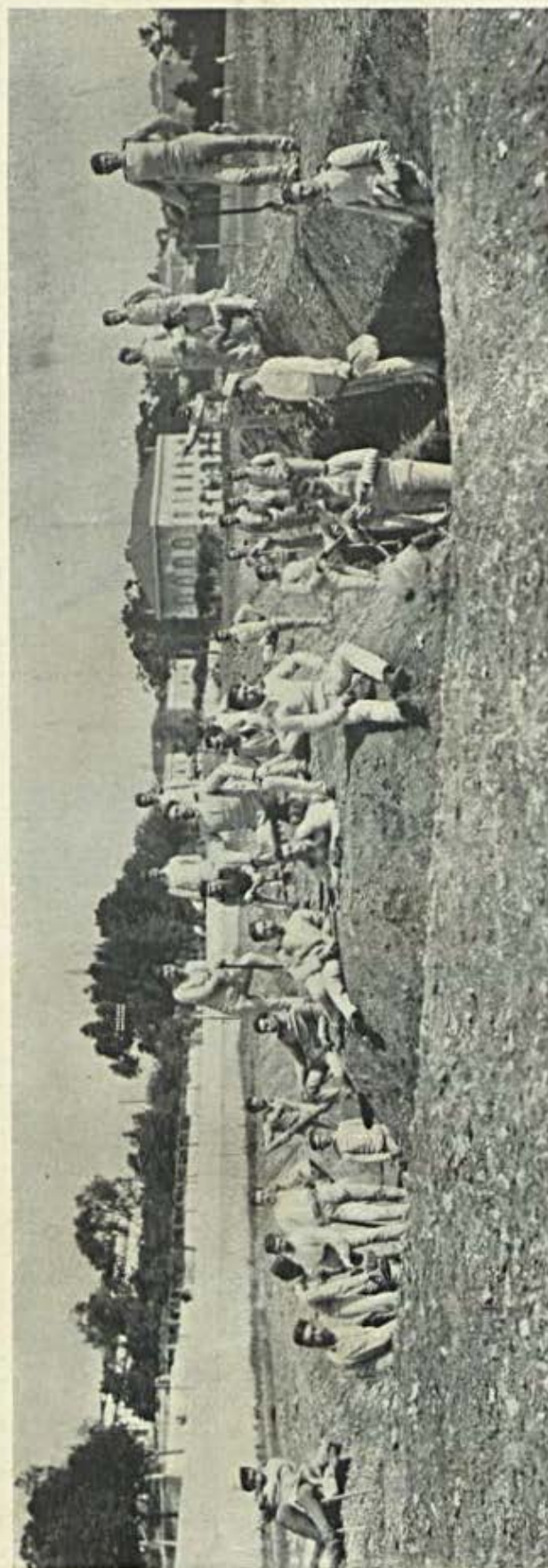
Mas a boa vontade faz prodigios e as obras vão avançando e progredindo... com paragens aqui e ali, quando o capitão, n'uma deliciosa affectação de não ver, anda lá longe a ler os relatorios.

E o reducto, typo Deguise, conclue-se mal que bem, e a ponte fica assente e não allue sob os passos dos vencedores. Milagres de equilibrio que ninguem percebe!

Mas chegam os exercicios da topographia e o olhar vigilante do capitão Ferrugento acaba com as paragens e com os man-

drões. A uns ensina a orientação da prancheta, e as correções do theodolito, a outros as leituras das miras para os nivelamentos.

E assim se passa toda a manhã, construindo se reductos para abrigar os atiradores, abrindo-se sapas para atacar uma praça a



Construção de um reducto

Clube A. Lima

coberto dos fogos da defeza, levantando-se pontes para passagem de tropas de infantaria, fazendo se levantamentos topographicos, excavando-se cosinhas de campanha... bellas cosinhas que fariam morrer de fome se tivessem de fornecer o almoço áquelles estomagos avidos.





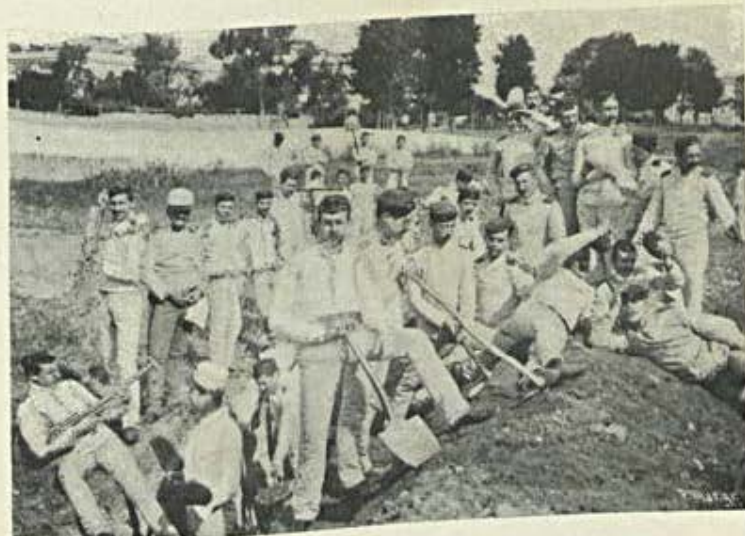
Trabalhos de sapadores



Formatura para o almoço da manhã



Construção de uma ponte



Clichés de A. Lima.

Trabalhos de sapadores

Assim, ás 9 horas da manhã quando o corneta da guarda toca a rancho, que grande consolação na certeza de que o cosinheiro da Escola e a respectiva cosinha não esperaram pelas fonalhas que o manual do sapador aconselha!

Mas não são só estes os trabalhos de campo dos alumnos da Escola do Exercito. Outros ha para os quaes as dimensões da cerca não chegariam: exercicios de tactica applicada, visitas a fabricas, carreiras de tiro, pontes, etc.

Nos da 2.<sup>a</sup> cadeira para o 2.<sup>o</sup> anno de infantaria, além de uns reconhecimentos nas proximidades de Bemfica, os alumnos tiveram, n'este final do curso, exercicios de quadros em Carnaxide. Sairam no dia 21 da Escola ao romper da manhã para o Caes do Sodrê, e d'ali seguiram em comboio até Algés.

Sob a direcção do sr. capitão de infantaria, João Evangelista Pinto de Magalhães, dividiram-se em tres batalhões, formando um regimento commandado pelo sr. Velinho. Um dos batalhões foi encarregado dos postos avançados, outro de estabelecer um bivaque ao norte de Carnaxide e o ultimo de estudar o acantonamento na povoação.

Chegados a Carnaxide, o commandante do regimento leu a ordem aos differentes ajudantes que a transmittiram aos commandantes dos respectivos batalhões e cada qual se dirigiu para os locais marcados.

Não descreveremos esses variados e vistosos trabalhos de tactica applicada. Bastam as gravuras que inserimos para bem se evidenciar o que foi esse dia de sol e de alegria... e de trabalho, a que não faltou o appetite devorador do capitão Magalhães, o *jae da infantaria*, que se deixou photographar rodeado dos seus rapazes.

Foram-se os trabalhos de campo, voltam as preoccupações dos livros e das theorias ainda por um mez. Mais um mez de estudo e de duvidas até á prova final perante a critica severa do jury e depois... champagne e a almejada liberdade das ferias.

## O sr. Mathias

Quando constou a morte do sr. Mathias, houve na pequena cidade de Lyre-sur-ys, uma surpresa geral. Um homem de quarenta e cinco annos apenas, robusto, direito como um fuso, e que — ora vejamos que pena — casára, ha tres annos só, com uma menina de vinte, nem mais nem menos do que a sobrinha do recebedor das contribuições, uma mulher encantadora e a quem amava loucamente!

Naturalmente, o sr. Mathias, depois de morto, era citado, agora, como possuidor de todas as virtudes, quando vivo. Era o que faltava que lhe chamassem, como outr'ora, usurario e avarento! Quem pensava em reeditar certa historia relativa áquelle famoso casamento e que tão pouco favoravel lhe era, quem iria recordar mesmo o terror vago que inspirava este homem, de modos velhacos, rico e avarento, e que gastava, segundo se dizia, os seus momentos de ocio em manipular uma serie de drogas venenosas que experimentava em cães?

Tratava-se mesmo agora d'isso! Morrera, paz á sua alma!

E afinal de contas, reflectindo um pouquinho mais, era esta morte tão extraordinaria como se dizia? Evidentemente, o sr. Mathias tinha presentimentos. Não tinha elle mandado construir ultimamente, por operarios vindos directa e expressamente de Paris, o jazigo de familia que esperava, no cemiterio, os seus restos mortaes? Ainda mais, havia algum tempo que se lhe notava no rosto uma inquietação singular. Vagueava em roda da sua propria casa, como se receiasse ladrões mysteriosos. Sequestrava sua mulher, encerrava-se durante semanas inteiras no laboratorio, d'onde saia pela chaminé um fumo continuo até altas horas da noite. — Prenuncios d'um ataque cerebral! dizia com ares de entendido o dr. Labarre, que afinal decidira por uma apoplexia serosa.

Em summa, tinham-se feito ao sr. Mathias umas exequias magnificas. A terça parte da povoação acompanhara-o á sua ultima morada, e alguns olhos se tinham humedecido, quando descera pela crypta da capella funenaria o caixão de carvalho, verdadeiro monumento, onde dois homens com elle estariam á vontade.

Voltando do cemiterio, todos perguntavam o que faria a viuva do sr. Mathias.

Ora agora, a verdade é que o sr. Mathias não morrera. Duas horas depois da cerimonia, poder-se-ia vê-lo no sub-solo em que o caixão estava.



Dois pequenos ruidos seccos tinham soado, como estalidos d'uma mola; e, depois de o caixão se ter aberto como se fosse um armario, o sr. Mathias sentára-se espreguiçando-se como um homem que acaba de acordar. Por uma abertura gradeada feita na parede superior, caía um raio de luz. O sr. Mathias levantára-se



Escola do Exercito. — Exercício de quadros. — Em Carnaxide

completamente, esfregando devagar os joelhos um pouco ankylosados.

A verdade é que se sentia bem, mesmo bem, confortavelmente. A dose de narcotico que absorvera, depois de a ter cuidadosamente calculado, tinha produzido á justa o effeito desejado. Tinham-no julgado morto, tinham-no enterrado, ia tudo esplendidamente.

O sr. Mathias tomára muito antecipadamente todas as precauções. O fundo da sepultura fôra habilmente disposto.

Estava alli mettido todo o fato necessario, bastante comida, algumas garrafas de bom vinho, que se tinham tornado muito fresquinhas, como facilmente se suppõe. E como não ha nada que mais aive a fome do que um enterro — ainda mesmo quando nosso — o sr. Mathias, commodamente sentado no seu caixão, abriu uma garrafa, bebendo ao seu futuro.

Já ha mais tempo deviamos ter dito porque é que o sr. Mathias estava ali, seis pés debaixo de terra, por sua propria vontade.

Como sempre, era uma historia de mulher. Caído até aos quarenta annos, o sr. Mathias, antigo pharmaceutico, enriquecido pelas pilulas anti-spasmodicas — tinha-se apaixonado pela encantadora Anna Piedefer, sobrinha do recebedor de Lyre-sur-Ys. Apresentára-se muito sem cerimonia para marido á rapariga que com sem cerimonia não inferior o recusára, o que o tornára apaixonado como um imbecil... perdão! como um homem de quarenta annos a quem deu na cabeça apaixonar-se. Pouco honesto por indole,



Escola do Exercito  
Exercício de quadros. — Em Carnaxide. — Leitura da ordem

apertára o recebedor em tramas tão habéis, que o desgraçado, ao fim de um anno, sabendo que o cofre governamental já não estava intacto, pensou seriamente no suicidio. Então o sr. Mathias appareceu como salvador e apresentou as suas insignificantes condições. A sobrinha sacrificou-se pelo tio que lhe servira de pae, e isto apezar de laços muito apertados com um escrevente de tabellião da cidade visinha. Victima dolorosa, Anna desposou o sr. Mathias.

Soffrera até ao fim todas as consequencias d'esta catastrophe. Mas o sr. Mathias, fazendo justiça a si proprio, tinha a convicção

de que ella o odiava. D'aqui a julgar-se enganado, como merecia, não foi mais do que um passo. A suspeita degenerou em monomania. Sua mulher não saía nunca, ninguém a visitava. Mas ainda assim, o sr. Mathias dizia que era falta de tactica para a apanhar. Se não apanhasse sua mulher em flagrante delicto, é porque era um idiota chspado.

Então surgira esta idéa luminosa no seu cerebro: fingir uma viagem, mas não a Versailles ou ao Havre, como os maridos de comedia, uma viagem muito mais longa e d'onde parecesse impossivel a volta.

E voltaria, mais vivo que nunca, uma d'estas noites, e havia de confundir a infiel.

Esperaria tres dias; e pensava agora em tudo isto, satisfeito, deitando-se confortavelmente no caixão.

O terceiro dia findara. O sr. Mathias ardia com impaciencia. Esperou que o relógio do cemiterio dêsse onze horas. Preparou-se então para sair.

O plano estava bem combinado. Os muros do cemiterio davam para a sua propriedade. Tinha ali com que se vestir todo de preto, como convinha a um espectro de pharmaceutico. Envolver-se-ia no sudario no cemiterio, respeitando a côr local. Depois de ter saltado o muro, iria direito ao quarto de sua mulher. Depois veria!

O sr. Mathias fez a sua toilette; em seguida, como já tudo estava disposto ad hoc, empurrou a pedra tumular, trepou para a capella superior, abriu a porta e achou-se fóra, com o sudario debaixo do braço.

Apenas se viu cá fóra do tumulto, desdobrou o vasto lençol branco e pegou-lhe de fórma a pôl o nos hombros. Mas o sudario era pesado. A primeira tentativa falhou e teve que correar.

— Espere ahí! disse então uma voz atraz d'elle, eu lá o vou ajudar.

E' necessario não se ter estado nunca á meia noite, tentando pôr aos hombros um sudario, no cemiterio, para se não comprehender quanto esta surpresa seria desagradavel ao sr. Mathias.



Clotés A. Lima  
Escola do Exercito  
Exercício de quadros. — Em Carnaxide. — O bivaque

O que assim falava era o guarda do cemiterio do lugar, o tio Grimbot, um original muito conhecido nas tabernas dos arredores. Approximara-se do sr. Mathias, e, olhando para elle, dissera:

— O quê! é o senhor, sr. Mathias!... Então já!

O sr. Mathias, muito atrapalhado, tentava embulhar-se, julgando que uma apparição sinistra o livraria d'este encontro importuno. Mas, qual historia! o Grimbot ajudava-o benevolamente e punha-lhe a mortalha com elegancia.

— São de meu tumulto... principiou o sr. Mathias com uma voz sepulchral.

— Bem sei, interrompeu Grimbot, isso vejo eu. Teve muito mais pressa do que os outros...

O sr. Mathias não ouviu nada. Agora caminhava a passos largos, nas pontas dos pés, como um phantasma.

Grimbot ia ao lado, continuando:

— Sim, os outros, não lhes dá para ahí tão depressa. Só no fim d'um ou dois mezes...

O sr. Mathias voltou-se bruscamente, agitando os dois braços:

— Vae-te, sacrilego! Vae-te!

— Então! então! disse Grimbot, tomando uns modos paternaes. Eu não lhe faço mal... então quiz tambem passear um bocicado... como os collegas, não é assim?

O sr. Mathias, muito perturbado, ia andando sempre, sem se dignar responder. Via na sombra a porta do cemiterio. Como homem providente que era, tinha alguns luizes na algibeira.

— Nada de conversas! disse elle mostrando duas moedas d'ouro a Grimbot. A chave!

Grimbot recuou um passo:

— A chave! Tu queres sair? (ia-se familiarizando). Ora, que phantasia! Meu amiguinho! tem paciencia! mas... nada d'isso...

— Quatro luizes! gemeu o sr. Mathias.

— Mau! já te disse, continuou Grimbot, não continues, que eu chego-te. Podes sair do jazigo, podes passear, não me opponho. Os outros tambem saem...



— Os outros! quaes outros!  
 Grimbot fez um gesto largo;  
 — Os mortos! então quem ha de ser?  
 — Os mortos... quem é que te fala em mortos? Eu estou vivo, bem vivo!  
 — Ai! que chalaça! essa agora é forte! mas deixal-o, eu sou bom homem... Anda cá beber uma pinga.  
 Deixou cair a mão como uma tenaz sobre o pulso do sr. Ma-



Escola do Exercito  
 Exercicio de quadros. — Em Carnaxide. — O commandante

thias, arrastando-o até ao cubiculo onde morava. Empurrou-o para um quarto do rez-do-chão.

O sr. Mathias estava litteralmente aturdido. Grimbot fechara a porta, tirara de uma pratelleira uma garrafa, e depois de ter enchido dois copos, levantára o seu dizendo:

— Cá vae á sua, sr. Mathias!

— Ouve agora, meu rapaz, disse o sr. Mathias. Queres disfrutar-me? Seja. Ha tempo para tudo. Sabes perfeitamente que estou vivo. Por certas razões pessoasas, deixei-me enterrar. Mas preciso sair por negocios graves. Pagar-te-hei bem, podes estar socegado...

Emquanto elle falava, Grimbot déra devagar volta á mesa e fôra-se encostar á porta.

— Falas bem, chasqueou elle. Ah! com que então estás vivo! Não és o primeiro que me diz isso. Tenho ouvido muitos assim. Mas, vê lá, gosto dos meus subordinados. Todas as noites, veem por ahí um ou dois beber uma pinga, sem cerimonia. Hontem foi o tabellião, conheces, não é assim? Madel, o teu visinho... aquelle que tem a columna partida. Antes de hontem a sr.<sup>a</sup> Claudin, uma bella mulher! Eu estou sempre de boa feição, deixo-os tomar o ar



Chefêes A. Lima.  
 Escola do Exercito  
 Exercicio de quadros. — Em Carnaxide. — O almoço

da noite, cavaqueio um bocado... mas deixal-os sair! isso era o que faltava!

O sr. Mathias começava a sentir-se mal. Grimbot falava com um perfeito sangue frio, como funcionario responsavel.

Era de estatura mediana, atarracado, com mãos de gorilha. Os olhos eram negros, brilhantes... O sr. Mathias sentiu um calafrio. Aquelle homem estava doido!

Sim, não havia duvida. Tinha visões. Julgava o seu cemiterio povoado por almas do outro mundo: vivia n'um mundo phantastico creado pela sua imaginação de ebrio. E confundia! palavra de honra que confundia!

O sr. Mathias começou a falar, a prometter, a supplicar. Pois que! o bom, o intelligente Grimbot podia lá tomal-o por morto a valer! Desatou a rir...

— Basta! disse Grimbot para terminar, com uma voz sacudida. Não tens juizo, toca a ir para casa!

— Para casa! para onde?

— Para a tua casa, pois para onde havia de ser! No angulo da terceira divisão...

— Para o tumulto! Nunca!

— Não queres! ah! sim!

O sr. Mathias viu tremerem as mãos enormes. Teve medo, olhou em torno de si procurando uma saída. Havia uma só.

A' porta e adiante, Grimbot, espedado. Tanto peor! tinha que sair, dêsse lá por onde dêsse; atirou-se para a frente, gritando...

Grimbot, tranquillamente, estendera a mão aberta em que se foi metter o pescoço do seu aggressor. O sr. Mathias deu um arranco, e tentou luctar.

A garra apertou com mais força. O sr. Mathias vergou, suspenso pelo braço estendido. Ainda se agitou um pouco no ultimo estertor, depois ficou immovel.

Grimbot, sem para elle olhar, atirou-o para cima do hombro e levou-o, com o seu andar digno e vagaroso de guarda fiel, até ao jazigo, atirou-o para a crypta, fez cair a pedra com um ponta-pé, fechou a grade e continuou o seu passeio atravez dos tumulos, resmungando:

— Então, já viram! Sair! ora esta! E o meu logar?!

Foi assim que a viuva do sr. Mathias poudo casar com aquelle que sempre amára.

JULIO LERMINA.



Augusto V. da Costa Sequeira

(f em Li-boa a 25-6-903)

Apenas com 20 annos, matou-o a tuberculose. E d'este poeta tão simples e tão bom o soneto sentido que a seguir inserimos:

Porque foi a minh'alma peregrina  
 Insufflar se no ser que mais padece?  
 Para que nasci eu?... Que dura sina  
 Me fez ser homem para que soffresse?

Antes n'alguma fonte crystalina,  
 Antes na urse que da rocha cresce,  
 Antes na rocha dura se tivesse  
 Insuflado a minh'alma peregrina!

Antes tivesse sido uma oliveira  
 Compadecida, sustentando ninhos...  
 Viveria sem dôr e sem canceira,

E á sésta pelas horas coruscantes,  
 Estenderia á beira dos caminhos  
 A sombra piedosa aos caminhantes.

AUGUSTO SEQUEIRA.



## A fortaleza de S. Caetano em Sofala

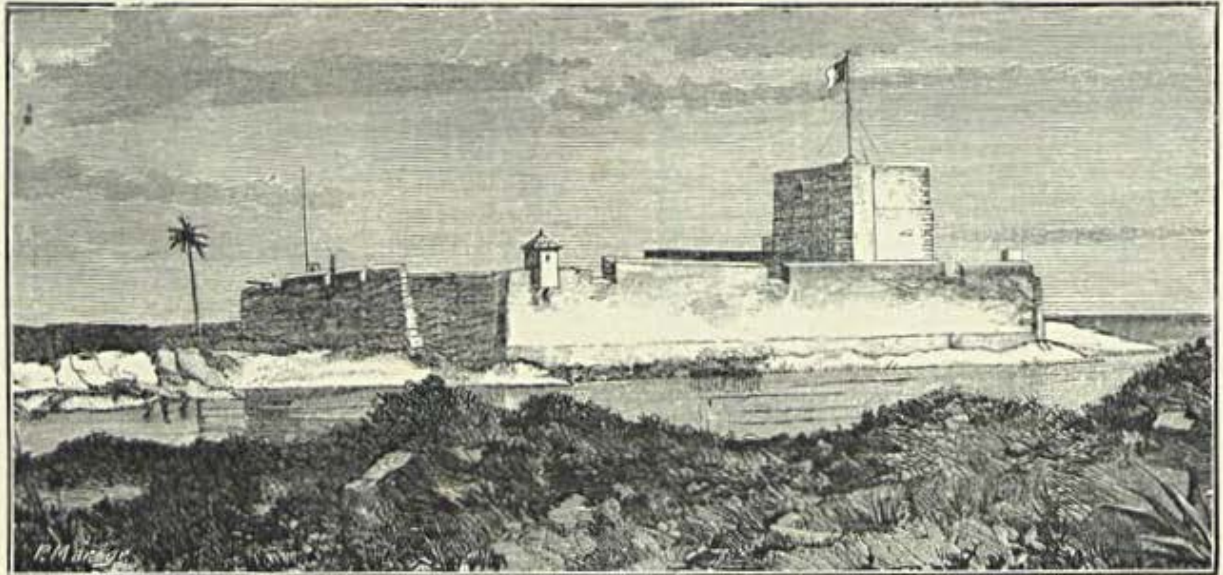
Existem ainda na provincia de Moçambique na costa Oriental de Africa, alguns monumentos da nossa passada grandeza e do esforço militar dos grandes capitães, que collocaram aquelles paizes sob a scintillante corôa dos reis fidelissimos.

Essas fortalezas perderam é certo, com os modernos processos

Anhaya morreu n'esse anno, e foi o feitor Manuel Fernandes, ajudado por Pero Quaresma, chegado n'esse anno em uma caravella do reino, que a conclairam.

Depois da transferencia da capitania da villa de Sofala para Moçambique, onde o porto era melhor, nunca mais a fortaleza de S. Caetano teve grande importancia, mas foi inda assim de annos a annos visitada pelos governadores geraes. Sabemos da visita do governador Rodrigo Luciano de Abreu e Lima em 1844, no brigue *Caçador Africano* que naufragou á entrada da barra, mandando a camara erigir n'esse anno um monumento commemerativo do acontecimento.

Foi ali mais tarde, em 1862 cremos, o governador Antonio do Canto e Castro na escuna a vapor *Barão de Lazarim* commandada



Desenho de Augusto de Castilho em 1885. Fortaleza de S. Caetano de Sofala — faces Norte e Oeste

de guerra terrestre e sobretudo maritima, o seu principal valor, mas nem por isso deixam de ser bellos padrões que attestam eloquentemente ao mundo o que foram os portuguezes d'outras eras.

Pela sua importancia relativa é sem duvida a primeira a fortaleza de S. Sebastião de Moçambique, seguindo-se-lhe a de S. Caetano de Sofala, a de S. João do Ibo e a de S. Lourenço de Moçambique. As restantes, nunca mereceram o nome de fortificações serias, ou estão hoje meio apaisanadas e convertidas a usos civis. Estão n'esta segunda categoria as de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques, a da mesma invocação de Inhambane, a de S. José no Musuril, a de S. Marçal de Sena e a de S. Thiago maior de Tete.

A mais antiga de todas, porém, era a de S. Caetano de Sofala, por ter sido o ponto onde mais remotamente assentámos dominio e onde durante alguns annos foi a séde da capitania mór.

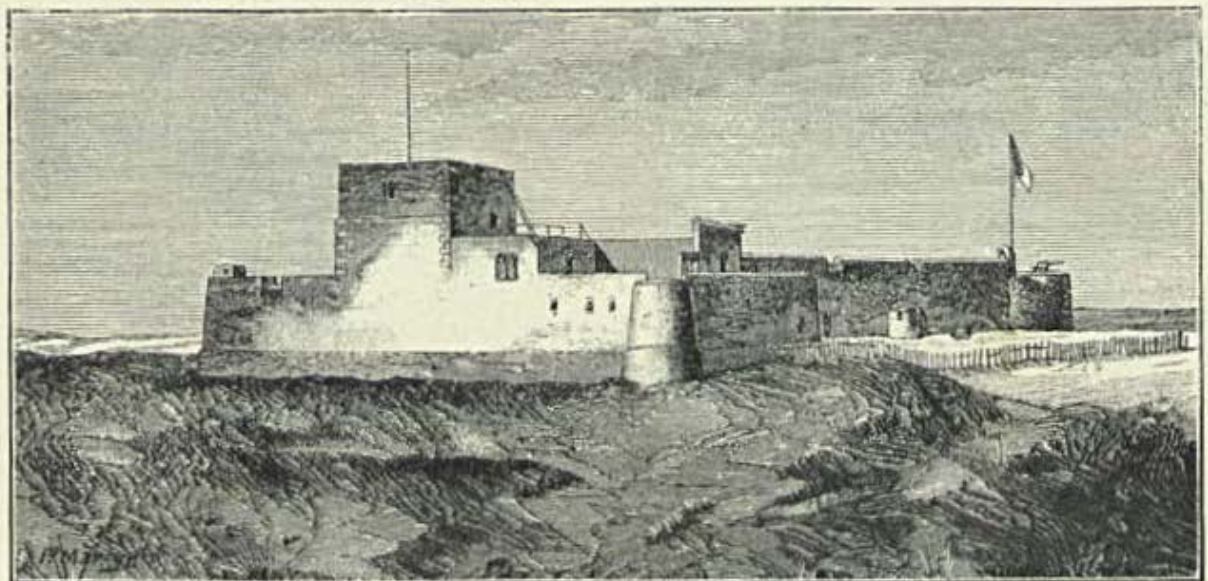
Foi Pero de Anhaya o primeiro capitão da colonia; entrou no rio de Sofala em setembro de 1505 e no anno seguinte já a fortaleza lhe dava abrigo para se defender contra o ataque dos negros; mas Pero de

pelo 2.º tenente, fallecido ha pouco vice-almirante, Antonio Duarte Pedroso.

Em 1872 visitou Sofala o governador geral general José Rodrigues Coelho do Amaral, transportando se até ali no transporte a vapor *Quillimane*. O navio ficou fóra da barra e o general foi para dentro em uma lancha. Inda nos lembra nitidamente a impressão indizível que experimentámos a bordo do navio, surto fóra do banco, ao ver lá ao longe, a umas 4 milhas de distancia, alvejar entre o arvoredado a velha fortaleza, e ao ouvir a voz rouca e arrogante da sua nobilissima artilharia! Era um mixto de respeito pelas glorias passadas e de tristeza pelas decahidas grandezas.

No relatorio da viagem da canhoneira *Rio Lima* de Lisboa para Moçambique por alguns portos do Brasil e por muitos dos da costa Oriental d'Africa em 1884 e 85, encontramos, a respeito d'esta vetusta e historica praça de guerra, o seguinte trecho:

«A fortaleza de Sofala que é a mais antiga de todas as da provincia, é só inferior em importancia á de S. Sebastião de Moçambique e



Desenho de Augusto de Castilho em 1885. Fortaleza de S. Caetano de Sofala — faces Sul e Leste

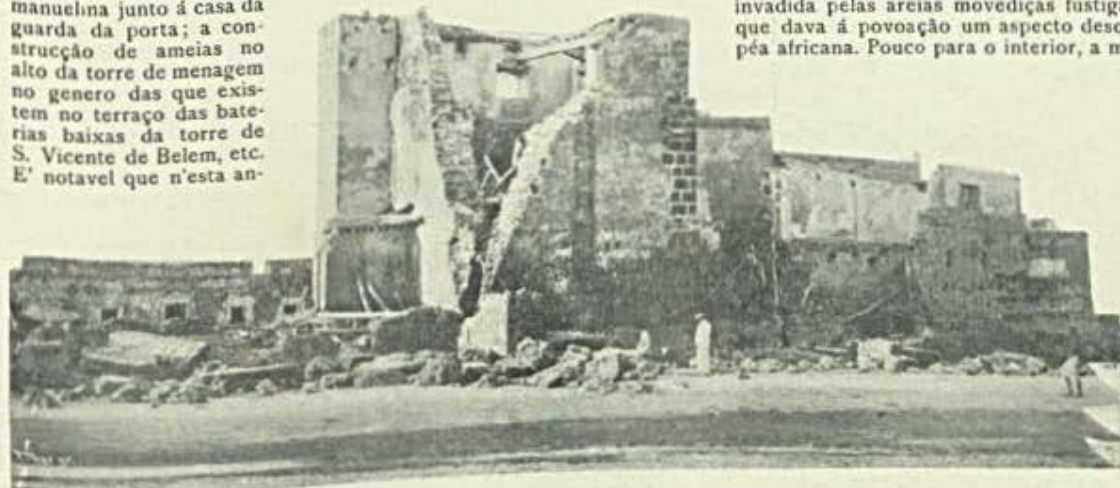




Fortaleza de Sofala (cliché tirado em março de 1903)

está ainda em muito regular estado de conservação, apesar das injurias do tempo e das maiores injurias dos homens. Carece todavia de certas reparações indispensáveis e algumas urgentes, taes como: renovação dos madeiramentos de quasi todas as coberturas de terraço das casas que a cercam por dentro, e sobre as quaes assentam as baterias; reconstrução de dois baluartes que olham a noroeste e sudoeste, que parecem ter sido demolidos de proposito, pois que os alicerces mostram estar magnificos; reconstrução de uma sala contigua á secretaria e que serve hoje de terraço descoberto, apropriação de um quarto do pavimento inferior para capella, onde se arrecade condignamente uma veneravel e antiquissima imagem de S. Caetano, orago da fortaleza; reparação do carretame e palamenta da artilharia e substituição de algumas peças, quasi de todo inuteis, por outras boas.

Ha ainda outros arranjos que o bom gosto recommenda e que o respeito pelos monumentos historicos exige. São d'esse numero, a limpeza de todas as cantarias lavradas que estão hoje quasi totalmente invisiveis sob uma espessa e estúpida camada de cal, como succede ás armas portuguezas sobre a porta da entrada; a desobstrução de outras cantarias que estão mesmo escondidas debaixo de paredes de alvenaria, como se vê ainda em uma formosa arcaria manuelina junto á casa da guarda da porta; a reconstrução de ameias no alto da torre de menagem no genero das que existem no terraço das baterias baixas da torre de S. Vicente de Belem, etc. E' notavel que n'esta an-



Fortaleza de Sofala (cliché tirado em fevereiro de 1905)

tiquissima praça de guerra se não encontre uma unica inscripção.»

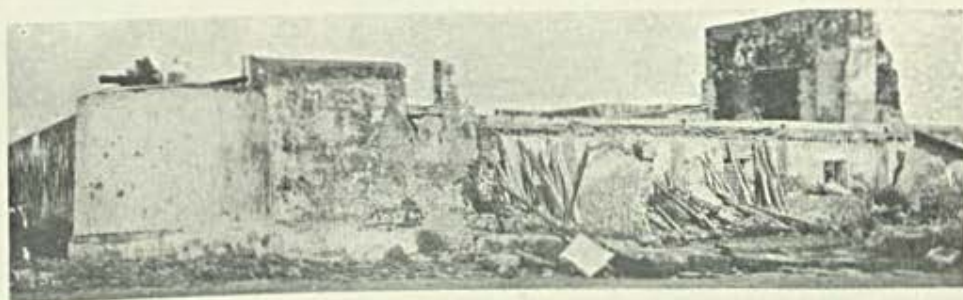
A fortaleza de S. Caetano que foi levantada por Pero de Anhaya ha 400 annos, constava de um quadrilatero de cerca de 50 metros de comprimento em cada face e um baluarte circular em cada angulo. Em volta das muralhas pela parte interior havia casas que serviam de casernas, arrecadações, casa para officiaes, armazens, casa de guarda e muitas outras dependencias de taes edificios. No primeiro pavimento, ao nivel das baterias havia a casa que servia de residencia ao governador do districto emquanto elle residiu no continente e que serviu depois ao commandante militar quando o governo passou para a ilha de Chiloane.

Um dos baluartes da fortaleza estava edificado sobre um lugar onde se encontrava abundancia de pepitas de ouro: a cobiça dos que ali iam explorar essas riquezas e a incuria de quem o deveria ter evitado, causaram o desmoronamento do baluarte minado pelas excavações desordenadas. Entretanto em 1885 estava a falta d'esse e do outro baluarte tambem derruido, supprida por uma muralha transversal no angulo, a qual ligava entre si as duas respectivas muralhas, emquanto se não resolvia a reedificação dos dois baluartes.

Junto á habitação do governador e por cima da cisterna erguia-se a torre chamada de menagem com cunhaes de bella cantaria e frestas muito bem traçadas e elegantes. O edificio

todo no seu conjuncto apresentava um aspecto harmonico, sobrio, mas de uma bella severidade que recordava nobremente os tempos da nossa mais antiga dominação n'aquella costa.

A fortaleza assentava em um areial junto a um esteiro ou riacho



Fortaleza de Sofala

muito coberto de mangaes emmaranhados, até mesmo á beira da agua do préamar; e como a amplitude das marés é ali de perto de 20 pés, no fim da vasante ficava o edificio muito distante das aguas.

Por detraz da fortaleza estava o bairro da Inhacamba que constituia propriamente a villa de Sofala; mas que com o assorramento da barra e a consequente difficuldade de accesso para navios de alto bordo, foi gradualmente perdendo a sua antiga importancia, e sendo invadida pelas areias moveidas fugidas pelas ventanias do Sul, o que dava á povoação um aspecto desolado de uma especie de Pompeia africana. Pouco para o interior, a mais seis ou sete milhas topa-se

no lugar da Dindira a pittoresca e risonha povoação de Chivange, onde as terras são de uma fertilidade espantosa e onde ha gado bovino de raça pequena mas de grande belleza.

Com o estabelecimento da Companhia de Moçambique nos territorios dos antigos districtos de Manica e Sofala, foi a fortaleza de S. Caetano passada das mãos do governo para as da Companhia, a qual nunca, ao que parece, lhe deu muita importancia, visto não ser aquelle ponto sede de qualquer notavel auctoridade. O



resultado foi que residindo ali provavelmente algum empregado subalterno pouco previdente, lembrou-se de mandar cortar o mangal que, no dizer d'elle, affrontava a fortaleza; seguiu-se d'ahi desagregarem-se successivamente as areias que até ali eram retidas pelo enraizamento do mangal, e entrarem livremente as aguas das marés sobretudo quando estas eram vivas.

Este leviano procedimento de algum empregado irresponsavel fez com que as aguas fossem lambendo e levando as areias que foram deixando a nu os alicerces da fortaleza. Um bello dia faltou a base ao magestoso monumento, este desaprumou-se abriram-se fendas que foram de dia para dia alargando, despenharam-se pedras que ficavam desacompanhadas, e atraz das primeiras vieram cunhaes da torre de menagem e pannos inteiros de muralha.

Em certa altura da catastrophe houve um temporario estacionamento na ruina, e ainda houve quem supozesse ser possivel proceder a reparações e restaurar a fortaleza; a imprensa da provincia e a do Cabo da Boa Esperança levantaram-se justamente indignadas contra o desrespeito com que tal monumento historico era tratado, formando-se um grupo de estrangeiros que subscreveram £ 1000 para se proceder sem demora ás necessarias reparações.

Pouco depois o novo governador geral da provincia João Coutinho commovido com a sensacional noticia, mandou que pelas obras publicas se procedesse ás reparações da velha fortaleza de Pero d'Anhaya; mas já taes providencias não chegaram a tempo, porque as ultimas noticias que nos chegam da provincia dão-nos o nobre edificio como tendo acabado de ser engulido pelo mar! Vergonhoso destino para um padrão heroico construido pelas mãos dos Portuguezes e por outros Portuguezes inconscientemente destruido!

Duas das nossas gravuras representam a fortaleza de Sofala tal como ella era em 1885. As restantes mostram varias fases da ruina que a fez desaparecer.

AUGUSTO DE CASTILHO.

Quem no mundo quizer ser  
Havido por singular,  
Para mais se engrandecer,  
Ha-de trazer sempre o dar  
Nas ancas do prometter.

LUIZ DE CAMÕES



S. Miguel

Um dos ultimos trabalhos de Raphael Bordallo Pinheiro, destinado ao portão da quinta do Caima, de Bento Carqueja



Portão, estylo seculo XVII, da quinta do Caima, de Bento Carqueja

## SONETO

Meu ser evaporou na lida insana  
Do tropel de paixões, que me arrastava;  
Ah! cego eu cria, ah! misero eu sonhava  
Em mim quasi immortal a essencia humana:

De que innumerous sóes a mente ufana  
Existencia falaz me não dourava!  
Mas eis succumbe a Natureza escrava  
Ao mal, que a vida em sua orgia damna.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos!  
Esta alma, que sedenta em si não coube,  
No abysmo vos sumiu dos desenganos:

Deus, ó Deus!... Quando a morte á luz me roube  
Ganhe um momento o que perderam annos,  
Saiba morrer o que viver não soube.

BOCAGE.



Angelina Valadin

Mais uma cantora portugueza vem illustrar uma das paginas do «Brasil-Portugal».

Querida do publico italiano, aclamada em muitos dos seus theatros, Angelina Valadin, filha de Eduardo Valadin, nasceu em Lisboa, onde desde os primeiros annos revelou a mais pronunciada vocação para o canto, que estudou com os maestros Vellani e Foá, aperfeçoando, mais tarde, esses estudos em Milão com a sr.<sup>a</sup> Tetrazini.

Não ha um anno ainda que Angelina iniciou a sua vida artistica, pois fez a sua estreia em 25 de dezembro de 1904, com a opera «André Chénier» no theatro Chiabrera, da cidade de Savona. Dois mezes cantou n'esse theatro, com exito sempre crescente, e de 28 de setembro, até quasi ao fim d'esse anno, teve oppiausos successos no importante «Theatro Lyrico» de Milão.

Alem dos dotes vocaes e artisticos com que a natureza a favoreceu, Angelina Valadin, que fala como a sua varias linguas, que attrae pelo encanto pessoal, que é de um procedimento correctissimo em todos os actos da sua carreira theatral, gosa, como senhora e como artista, das maiores sympathias na Italia.





## NO CAMPO PEQUENO

(Tourada de beneficencia)

Sol e moscas. Poeira e roupas leves. O inverno foi-se no dia 18 de junho. No dia 19 chegou o verão retardatário. Veiu tarde, mas veiu a tempo para não esgotar a paciência dos bois que gemiam com saudades das lezírias, e para não esmorecer a coragem dos forcados.

A propósito devemos dizer que a vespera de uma péga deve parecer-se com a vespera de um duelo. Ter de sonhar com um bicho hastendo ou com um florete sem botão não causará arripios? Nós que seremos por certo valentes — ou não? — iríamos para a cabeça n'um impeto. Resolver isso de vespera... seria caso para pensar. E nem as faécias do sol, nem a promessa de palmas quentes saberiam adoçar a perspectiva de uma costella arrombada, ou de um coice de esguelha. Comprehendemos a coragem do Taylor que esmaga um toiro com um murro ou o estrefaga caindo-lhe em cima. A coragem é como as commendas — bellas coisas ornamentaes... nos outros. Só vistas da trincheira.

Assente, pois, a uma profissão de valentia incontestada, entrámos na praça que regorritava de elegancias n'essa tarde luminosa de 19. Pomos de parte a tecnologia pittoresca obrigada ás corridas, e enviamos aos nossos leitores nada menos de 14 gravuras nitidas colhidas a correr em plena praça e juntamos-lhe

Um trecho do sector 1



Bombita e bandarilheiros

esta simples nota tocante . a tourada teve um fim — augmentar o fundo de reserva da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, protegida pela Rainha de Portugal.

E, para maior interesse, a tourada foi offerecida á sr.<sup>a</sup> D. Amelia por El-Rei que apartou das suas manadas, 10 estampas, que fizeram quasi... corar todos os cornupestos das actuaes gerações, e o Club Tauromachico, organisador da festa, enviou para a arena a flor dos mais decididos combatentes — cavalleiros, forcados e moços de curro.

Todos os lidadores figuram n'estas gravuras, e na impossibilidade de se reproduzir o trabalho impecavel de Victorino Froes, a firmeza do marquez de Cas-



Quadro de auctor — fundo para destaque



N'um intervallo

tello Melhor, a serenidade de D. Luiz do Rego, a musculatura de Taylor, a primeira péga a rir do cabo João Marcelino, o arrojo e a elegancia de Luiz Pimentel, os trambulhões, as ovações ao real luvrador, e os bravos, aqui deixamos todos os nomes:

*Director da corrida:* Ray Rebello d'Andrade. *Cavalleiros:* D. Luiz do Rego, Victorino Froes e Marquez de Castello Melhor. *Moços de forcado:* João Marcelino d'Azevedo (cabo), Philippe Taylor, Luiz d'Oliveira, João Henrique Caldas, Jorge Nunes Corrêa, Henrique Echaves, Arnaldo Futscher e N. N. *Moços de curro:* José Julio Durão da Silveira (abegão), Adrião Malfeito, João Dias de Carvalho, Guilherme Amorim, Eduardo Perestrello, João Trigoço e Manuel Victor da Costa. *Moços de guita:* D. Luiz da Costa e D. Pedro de Noronha. *Por-*



O camarote real antes da corrida

*teiro de cavalleiros:* D. Agostinho de Noronha. *Espada:* Ricardo Torres (Bombita Chico). *Bandarilheiros:* Jorge Cadete, José Martins, Mannel dos Santos, Thomaz da Rocha, o bandarilheiro hespanhol Antonio Soriano (Maera), e da *cuadrilla* da espada Bombita, Manuel Antolin e Antonio Barquero.

E pômos em foco filas de espectadores, rostinhos bonitos, sorrisos e olhos assassinos, ademanes e attitudes, scenas vagas de *firts* discretos, *silhouettes* de personagens em evidencia, tudo apanhado em instantaneos, que não descontentarão ninguém, nem mesmo certo *leão* em flagrante bom gosto de namoro ideal...

A mór parte d'esses instantaneos vieram da objectiva de um amator muito distincto e algo malicioso, a quem o *Brasil-Portugal* agradece. Uma lente revelará ao leitor ninhedencias de expressão que escapam a olho nu.



Alguns camarotes

(Clicbés de A. Lima.)





No sector 1'



Nas cadeiras



No sector 1



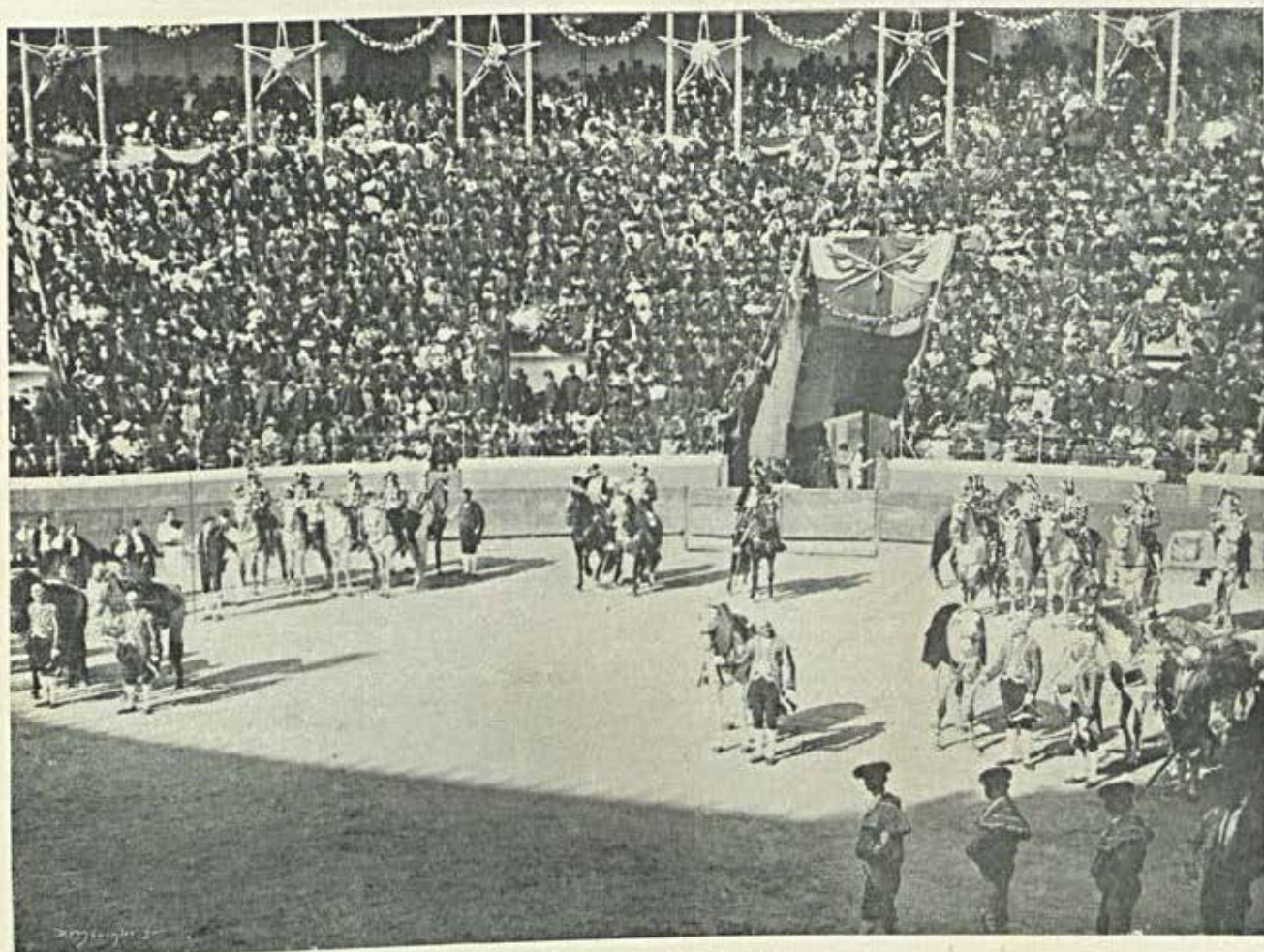
Grupo de forcados



As cortezias. — Os tres cavalleiros Victorino Froes, D. Luiz do Rego e Marquez de Castello Melhor. No 2.º plano, à esquerda os bandariheiros. No 3.º plano, quatro forcados, sendo o da esquerda o cabo, João Marcellino (Clichés de A. Lima.)



## TOURADA DE BENEFICENCIA NO CAMPO PEQUENO



As cortezias. — Outro aspecto



Os chameleiros

## Politica internacional

**R**eferimo-nos na nossa revista anterior á demissão do sr. Delcassé, e promettemos na de hoje occupar-nos d'este facto sensacional no mundo da diplomacia, tanto mais que com essa demissão coincidia uma grave crise da politica internacional, determinada pela brusca intervenção da Allemanha na questão de Marrocos. A demissão do ministro dos negocios estrangeiros da republica franceza representa, qualquer que seja o aspecto sob que se encare, um desastre diplomatico para a França muito superior ao de Fashoda e de muito mais serias consequencias. Não ha duvida de que essa demissão foi provocada, para não dizer imposta, pela Allemanha, em

virtude da attitudo aggressiva d'esta ultima potencia que em Paris, com razão ou sem ella, foi tomada por uma ameaça. Que o fosse ou não e que essa ameaça podesse na peor das hypotheses chegar a converter-se em factos, não deixa por isso a situação da França de ser menos desastrosa. Se a irritação da Allemanha era postiva, se representava apenas um bluff para obrigar o governo francez a capitular, este mesmo governo e o parlamento, sacrificando o ministro dos negocios estrangeiros na presente occasião, foram adiante dos desejos de Guilherme II, dando uma deploravel prova de falta de serenidade e de firmeza. Se pelo contrario a irritação era verdadeira, se se podia com razão chegar a temer que a Allemanha estivesse disposta (o que não parece muito provavel) a ir até ao *casus belli*, então a França recuando perante essa eventualidade confessou perante o mundo a sua fraqueza, apesar do alarde de força que ha tanto tempo ali se está fazendo, e abdicou *ipso facto* diante da sua rival, que de hoje para o futuro não tem mais do que fazer voz grossa e mostrar sobreceño carregado para ser obedecida em Paris com docilidade. E não se diga que n'esta questão a França recuou porque se achava isolada, dado o esmagamento do poder militar da Russia no Extremo Oriente. Pelo contrario, nunca a França esteve tão bem acompanhada, porque contava com a neutralidade benevola, pelo menos, da Italia, e com o appoio da Hespanha e sobretudo da Inglaterra, que n'este incidente se collocou decididamente ao lado da republica, e que hoje a está sustentando para evitar que a capitulação seja completa. Se em tão boa companhia a França não poude fazer frente á Allemanha, quando é que poderá fazel-o? Ou nos enganamos muito ou o golpe vibrado por Guilherme II com tão grande exito á França será funesto para a influencia internacional da republica. Um proximo futuro o dirá.

Que motivo determinou o procedimento da Allemanha? De principio suppoz-se que o desejo do Kaiser era levantar uma questão com a França — *une querelle d'allemand* —, aproveitando o ensejo que lhe proporcionava o abatimento da Russia. E ainda hoje é possivel que tal seja o proposito do imperador, se não conseguir desligar a republica da sua recente e para elle tão perigosa amizade com a Inglaterra. Porque no fundo a attitudo da Allemanha é mais hostil á Grã Bretanha de que á propria França. Esta por diversas razões deixou de ser rival temivel para o imperio allemão. Com a sua população esta-



cionaria, com as suas industrias cada vez menos vivazes, com o seu commercio cada dia menos extenso e de menor valor nos mercados mundiaes, os francezes não podem fazer sombra á prosperidade economica e ás largas ambições de expansão da raça germanica. Sob este ponto de vista está Guilherme II perfeitamente tranquillo. E cada anno que se passa, mais se accentua esta inferioridade da França com relação á Allemanha. Dentro de vinte annos a desproporção será tão grande, que uma lucta armada entre as duas nações por questões de predominio não terá razão de ser. E' a victoria definitiva e irremediavel da Allemanha sobre a sua rival.

Outro tanto não acontece, porém, com a Inglaterra. Esta nação é o verdadeiro pesadelo da Germania. Para que o commercio e a colonisação allemães possam chegar a realizar os ambiciosos sonhos que se acalentam em Berlim, é indispensavel que a Inglaterra cesse de exercer a hegemonia dos mares. E para isso é necessario que as esquadras inglezas, que fazem sentinella no oceano, deixem de ser todopoderosas. D'ahi o frenesi e a ancia com que a Allemanha procura construir uma esquadra, que se possa medir com os navios da sua antagonista. D'ahi o empenho constante de isolar a Inglaterra e a todo o custo impedir que outra grande potencia maritima, e sobretudo a França, com aquella nação se ligue, augmentando ainda mais o poder das forças navaes que a Allemanha encontra a tomarem-lhe o passo. Até ainda ha bem pouco a esquadra russa era um contingente eventual, com que a Allemanha contava contra a Grã-Bretanha. Mas a esquadra russa deixou de existir, e por isso o perigo da união da França com a Inglaterra augmentou muito para o Kaiser. O incidente de Marrocos é pois a tentativa desesperada de separar as duas nações occidentaes, que a *entente cordiale* quasi tinha tornado alliadas.

Conseguirá Guilherme II o seu intento? E' duvidoso; mas em todo o caso é possível, dado o temperamento do povo francez, inconstante e impulsivo, e a desorientação do Quai d'Orsay depois da sahida do sr. Delcassé.

Se a Allemanha consegue separar a França da Inglaterra e atrahil-a a uma approximação, haverá paz e por agora a diplomacia allemã contentar-se-ha com esta victoria, que, diga se de passagem, não será pequena. Se pelo contrario os governos de Londres e de Paris continuam a caminhar de accordo, a paz arrisca-se muito a ser perturbada, porque n'este caso o unico recurso da Allemanha para enfraquecer de facto a *entente cordiale* é lançar-se sobre a França e por um esmagamento completo, como em Berlim se pensa, inutilisar esta nação para qualquer alliança com a Inglaterra. E' indubitavelmente este o plano da politica germanica no momento actual. Será elle, porém, realisavel? Parece-nos difficil, tão monstruoso se affigura o pensamento de uma nova guerra franco-allemã, depois das hecatombes russo-japonezas, que teem horrorisado o mundo. A opinião publica começa a ser uma força com que os governos teem a contar, mesmo os mais autocraticos.

Assim, por exemplo, é a opinião publica escandinava que se deve attribuir a solução pacifica do conflicto sueco-norueguez, que teve como resultado a separação da Noroega da Suecia. Em outra qual quer occasião, alguns annos atrás, semelhante facto haveria originado uma guerra civil entre os dois paizes. A Suecia, como a mais forte, teria invadido a nação irmã para lhe impôr pela força a união que ella não queria aceitar como lesiva dos seus interesses.

Hoje a pressão da opinião publica obrigou a pôr de parte os processos violentos. A Suecia resigna-se a aceitar o facto consumado, embora contra elle proteste *pro forma*, como aliás não podia deixar de fazer.

Depois da resolução do Storthing, proclamando a dissolução da união e a deposição de Oscar II como rei da Noroega, os noruegueses dirigiram-se ao seu antigo soberano pedindo-lhe para que auctorisasse um principe de familia Bernadotte a subir ao throno, que elle occupou.

Este procedimento do Storthing foi cavalheiresco e foi habil. Foi cavalheiresco, porque contribuiu para suavisar ao velho rei as amarguras da separação, dando-lhe como successor na Noruega seu proprio filho, o que poupará ao monarcha a humilhação de reconhecer a independencia dos noruegueses sob um rei extranho. Foi habil, porque mostrou aos suecos o desejo de continuar a viver nos melhores termos com a nação irmã, o que é da maxima conveniencia para ambos os estados, visto a posição que mantem na peninsula escandinava, e a situação dos dois povos em presença da expansão allemã pelo sul e da expansão russa pelo norte. Assim o perigo que se temia parece conjurado.

Parece-nos até que esta separação da Noroega, em vez de enfraquecer a acção commum das nações escandinavas, vae pelo contrario robustecel a, transformando a simples amizade de visinhos, da mesma raça n'uma alliança offensiva e defensiva das tres nações nordicas. Emquanto a Noroega esteve unida de má vontade á Suecia, semelhante alliança era impossivel, pelos constantes attrictos que a todo o momento se davam entre os governos de Christiania e Stockholmo. No regimen da separação, porém, esses attrictos devem desaparecer, e por tanto o accordo ha tempo desejado por todos os espiritos superiores da Scandinavia deve encontrar maiores facilidades para se realizar.

Receava-se que a reunião do Riksdag sueco trouxesse consigo qualquer complicação, pela votação de medidas coercitivas contra a Noroega. Esse receio acaba de desaparecer, pois segundo o telegrapho nos informa, o Riksdag decidiu entrar em negociações com o Storthing para a regularisação das questões, que se torna indispensavel resolver por motivo da separação, e diz-se mesmo que a camara sueca está disposta a auctorisar um filho de Oscar II, o prin-

cipe Carlos, a aceitar o throno da Noroega. D'esta maneira terminaria pela maneira mais satisfactoria a crise, que surgiu entre os dois paizes e que chegou a ameaçar a paz de ambos.

Ao terminar esta revista mencionaremos dois factos, que amplamente vieram confirmar as nossas supposições n'este proprio logar feitas. São elles as negociações para a paz entre russos e japonezes, e a queda do governo hespanhol presidido pelo Sr. Villaverde. Devem os nossos leitores recordar-se, que ambos os factos foram por nós previstos.

Dissémos, com effeito, que depois da batalha naval de Tsushima a guerra estava virtualmente acabada para os russos, se bem que ainda em S. Petersburgo se continuasse a falar na guerra a todo o



Montero Rios

Presidente do novo ministerio em Hespanha

transe. Affirmámos tambem, que apenas se abrissem as córtes hespanholas o ministerio do sr. Villaverde cairia, derrotado pela propria maioria, e assim aconteceu, havendo sido chamados ao poder os liberaes na pessoa de Montero Rios. Na proxima revista nos occuparemos d'esta crise assim como das negociações para a paz.

CONSIGLIERI PEDROSO.



## Na Tapada da Ajuda

Jogo da rosa e Saltos de obstaculos

Inserimos hoje cinco gravuras das festas do dia 17. Uma representa um salto de obstaculo, e as quatro restantes põem em evidencia grupos de senhoras da assistencia que não viram a machina photographica. De ahí a naturalidade sem *pose*, e a verdade sem affecção. O *jogo da rosa* foi promovido pelas senhoras: D. Mencia Mar-



Assistindo aos saltos de obstaculos



recas Mousinho de Albuquerque, D. Fernanda Sá, D. Guilhermina Augusta Esteves Vaz, D. Maria Carlota e D. Isabel Maria Ferraz de Macedo, D. Izabel de Castro Pereira, D. Conceição Cabral da Ca-

Benjamin, alferes Callado, Rodrigo de Castro Pereira, alferes Brito, Ruy Zarco da Camara (Ribeira), Jorge Bleck, Jorge de Mello (Sabugosa) e José Mousinho de Albuquerque.



*Assistindo aos saltos de obstaculos*



*Cleópatra A. Lima. Assistindo aos saltos de obstaculos*

mara e D. Maria Cabral da Camara (Belmonte), D. Isabel de Mello (Sabugosa), D. Maria Anna, D. Maria do Carmo e D. Maria Emilia da Camara (Ribeira Grande), D. Maria d'Assumpção e D. Maria do

Muita elegancia, muito denodo e muitos applausos aos campeões, terminando a lucta pela distribuição de premios.



*Assistindo aos saltos de obstaculos*



**Polycarpo Pecquet Ferreira dos Anjos**

† em Alge, a 23-6-905

Carmo de Mello (Sabugosa), D. Maria Anna, D. Thereza e D. Maria de Jesus da Camara (Ribeira), D. Maria Luiza Henriques de Lencastre (Alcaçovas) e D. Gnide Keil Carvalho da Silva.

Entraram n'elle os srs. tenente Oliveira Reis, alferes Nazareth,

## Escola Académica

Foi de festa o dia 22 n'este estabelecimento de ensino, hoje incontestavelmente o primeiro de Lisboa — festa em que tomaram parte mais de 300 rapazes.

Ha pouco mais de um anno assistimos a identicas provas de gym-



*Salto de obstaculo*

Ruy Zarco da Camara (Ribeira), alferes Callado, Jorge Bleck, alferes Almeida, Julio de Campos, José Mousinho de Albuquerque, Rodrigo de Castro Pereira e alferes Benjamin.

Nos saltos de obstaculos tomaram parte os srs.: alferes Nazareth, tenente Oliveira Reis, alferes Barbosa de Magalhães, alferes



*Grupo de alumnos*



nastica e esgrima e devemos confessar que é digno de nota o adiantamento dos cursos confiados a professores notáveis, e dirigidos superiormente pelo Dr. Mauperrin Santos, proprietário da Escola.



*Assalto de florete*

O *Brasil-Portugal* releveu-se então a esse sarau, inserindo varias gravuras de aspectos, e dá agora novas gravuras, apanhadas em



*Dr. Mauperrin Santos e concidados*

flagrante pela objectiva de um dos seus collaboradores photographicos.

As provas constaram de gymnastica sueca, esgrima, gymnastica applicada, em barras, parallelas, arções, esgrima de pau, etc. Me-



Clicbás A. Lima.

*Assistencia*

rece referencia especial a esgrima de pau, dirigida pelo professor Arthur dos Santos, e, entre os alumnos, dois esgrimistas de pulso, Armando Couto e Eugenio Cruces,

Muitas *toilettes* claras, muitas mocidades, muita alegria e applausos ruidosos encheram o vasto salão da Escola, que hoje conta perto de sessenta annos de existencia, e em que dia a dia são introduzidos novos melhoramentos, e tudo quanto o ensino moderno tem de mais aproveitavel.



## A ilha magnetica

Nas solidões phantasticas do Norte,  
Onde apenas a brisa encrespa a vaga,  
Onde o silencio enorme nos esmaga  
Como um presagio de agonia e morte,

Uma montanha colossal se apruma,  
Cabeça occulta em nevoeiros brancos,  
E revestindo os seus agrestes flancos  
N'uma cinta finissima de espuma.

O sol inerte das regiões polares  
Envolve-se n'uma tunica azulada;  
Ah! parece a mansão de alguma fada  
Na vastidão soturna d'esses mares!

Quando, após largos dias de viagem  
Atravez d'esse mar triste e sombrio,  
Se debruça na enxarcia do navio  
A cansada e valente marinhagem,

E vê surgir ao longe o vulto enorme  
D'essa ilha, não marcada sobre o mappa,  
Dos seus peitos o jubilo se escapa  
N'um grito immenso, rapido, uniforme.

Porém o capitão, sereno, absorto,  
Manda aproar á terra peregrina,  
Oculo em riste, a vér se descortina  
No seimoso da costa algum bom porto.

A' medida que o barco se aproxima,  
A ossada de penhascos se accentua;  
Surge a montanha, desolada e núa,  
Rasga-se o veu do nevoeiro em cima.

Eil-a emfim! mesmo esteril e deserta,  
A sua vista aos nautas é risonha;  
Anciosa, alegre, a marinhagem sonha  
Co'a gloria de uma nova descoberta.

Eil-a emfim! em redor das negras faldas,  
Soluça o mar os cantos do infinito;  
Eil-a mais perto! um bloco de granito  
Engastado no meio de esmeraldas.

Eil-a afinal! mysterioso impulso  
Faz avançar a solitaria quilha;  
E mais proximo ainda, ó maravilha!  
Agita-se o navio, como convulso.

Os marujos attonitos perguntam  
D'onde provém os bruscos solavancos;  
Nas entranhas do barco e nos seus flancos,  
As tabuas, a ranger, se desconjunctam.

Os pregos, os moitões toda a ferragem,  
Voam, rasgando as fibras da madeira,  
Ferdas abrindo, escancarando inteira  
A nave ás aguas torvas da voragem.

E a pobre gente, sem que cousa alguma  
A terrivel catastrophe lhe explique,  
Sente ir o barco, n'um momento, a pique,  
E submergir se em borbulhões de espuma.

E ao afundar se no mortal abysmo,  
Vagamente percebe, cousa extranha!  
Que a natureza poz n'essa montanha  
A força colossal do magnetismo.

Como esse monte, seduzindo os nautas,  
Os conduz á medonha sepultura,  
Ai! assim tu, gelada formosura,  
Perdes as almas candidas incautas!